

Sigmund Freud acaba de morrer. Sua glória é universal e popular. Os temas de sua psicologia, o inconsciente, o recalque, a sublimação, caíram no domínio público. E, no entanto, não se pode garantir que a obra de Freud seja tão bem compreendida quanto conhecida. Temos o hábito de considerá-la como uma psicologia e como uma medicina. Era assim mesmo que Freud a entendia: uma terapêutica das moléstias nervosas. Lembremos o exemplo de Descartes no século XVII. Descobriu uma nova técnica para a interpretação e domínio da natureza: a aplicação da matemática aos fenômenos físicos. Entretanto, na nossa época, ele é considerado sobretudo como o filósofo de uma nova era. Diremos que a filosofia em que se baseia o método cartesiano superou as aplicações científicas e os resultados do próprio método. Podemos prever para Freud um futuro semelhante. Desejaríamos, hoje, tentar assinalar, através dos temas da psicanálise, e sobretudo, de suas condições históricas, aquilo que se poderia chamar um ensaio de filosofia freudiana.

*

Para nós Freud está essencialmente ligado aos anos de após-guerra. Não ignoramos que a maior parte de seus livros foi escrita antes de 1914. Mas as afinidades profundas fizeram com que a psicanálise conhecesse sua glória justamente no momento em que a Europa saía do conflito. Ela acabava de passar por uma terrível experiência. Como o próprio Freud maravilhosamente descreveu nas “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, exigiu-se durante quatro anos, da maior parte dos homens, uma disciplina absoluta. As novas formas que tomaram os conflitos modernos, a industrialização que transformou os países em imensas usinas para a produção de armamentos, o totalitarismo que colocou todos os recursos dos Estados nas mãos de uma autoridade central, restabeleceram bruscamente, em todas as potências da Europa, uma espécie de “clima totêmico” que se acreditava desaparecido para sempre. E o objetivo único dessa tensão foi a destruição: morte das riquezas e morte dos homens. Os combatentes acordaram desse pesadelo como a gente se liberta de uma obsessão, de uma neurose.

Haviam sentido o peso das obrigações nacionais, dos imperativos coletivos, e pesquisavam-lhe os títulos históricos, discutiam-lhe o valor. Em verdade estavam esgotados, tendo gasto todas as possibilidades de amor por esses imperativos. Os instintos, ao contrário, na sua forma individual, entregavam-se a mais completa licença. Foram os anos de revanche, os anos em que a libido fatigada de se transferir para os objetos totêmicos, voltava aos seus pontos naturais de fixação, através do erotismo e através da paixão. A dupla corrente, tão característica dos anos de após-guerra, crítica das obrigações sociais ou da moral de uma parte, e, de outra, desejo de alegria, corrente que atingiu mesmo a insolência e a perversão, devia encontrar muito espontaneamente sua filosofia e sua justificação na psicanálise, que outra coisa não é senão uma análise de todas as formas de censura, em proveito do instinto.

⁴⁶² Artigo extraído de *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 8 de outubro de 1939, recolhido por Isabel Gasparri, mestrandia em Literatura Brasileira na FFLCH-USP, em *Fichário Analítico*, no Arquivo Mário de Andrade no IEB-USP.

*

Nas monografias de Freud, particularmente as “Cinco conferências de psicanálise”, o aspecto que toma a libido tem qualquer coisa de tão sombrio e tão desesperado que se poderia perguntar se essa defesa do instinto não seria, antes, sua condenação. As personagens cujas confissões o psicólogo ouviu: Dora, O homem dos ratos, O homem dos lobos, são impelidos desde a infância, por uma espécie de fatalidade para os desejos que não podem satisfazer. O ciúme da filha pelo pai, do menino pela mãe e, depois, na idade madura, os desenganos sistemáticos da paixão, que parecem acorrentar os seres a amores impossíveis, tudo nessas narrativas trágicas reflete a idéia da danação, vêm-nos à lembrança as grandes obras dramáticas, dos gregos e de Shakespeare. Freud, ele próprio, aparece como um novo taumaturgo. Seus personagens são vítimas de seus complexos, como Édipo da Fatalidade. Lembra Lady Macbeth, “*âme puissante au crime*”, que perseguindo a sua própria esterilidade através de assassínios sucessivos, termina por soçobrar na loucura, exatamente no momento do triunfo. Lembra também essa imagem plástica tão surpreendente, o *Moisés* de Miguel Ângelo, cuja cólera de certo modo se acha petrificada no mármore, como a neurose se aprisiona dentro de si mesma, incapaz a um tempo de aniquilar o seu desejo e os obstáculos que se lhe opõem. Quando se lêem pela primeira vez esses dramas reais da psicanálise, encontra-se algo da tonalidade dos anos trágicos da guerra, em que os homens pareciam solidamente amarrados pela própria morte que lhes causa horror. E é permitido indagar, em consequência, se o instinto do prazer, a ânsia de vida e de alegria, tudo o que faz o calor e a fecundidade do homem não traz em si a sua própria contradição. Diante dessa impossibilidade de felicidade não se deverá concluir que o próprio desejo é maldito e que o germen do pecado original já se encontra nas forças mais imperiosas da vida?

*

Ninguém se engana, porém. Falar disso já constitui uma revanche dos instintos. Tudo o que se procurava nas palavras dissimuladas dos diários íntimos, em Baudelaire e em Amiel, as confissões do inconfessável, experimentava bruscamente uma espécie de promoção científica que permitia conciliar, enfim, o que o homem até então considerara mais desprezível, com o que a inteligência qualificara de mais sutil e relevante. Ao lado de todas as psicologias que a precederam a psicanálise é de um incrível impudor, mas ao lado da psicanálise a psicologia clássica é de uma pobreza, de uma rusticidade intelectual inaceitável. Para os instintos, era pois a própria reabilitação pela ciência.

Há mais, porém. É evidente que nos conflitos que separam os instintos das possibilidades que lhes oferecem a Moral, Freud tomou partido. Seria falso, sem dúvida, supô-lo adversário da moral. A apologia da anarquia e do erotismo não tem nada que ver com a psicanálise. O erotismo não tem, de resto, significação, fora da atitude que a seu respeito toma a moral. Como, portanto, colocar um dialético como Freud diante desta alternativa simplista: instinto ou social? Mas, sem negar as necessidades das inibições coletivas a filosofia de Freud tende a devolver à natureza o que a sociedade lhe tomou abusivamente. Durante muito tempo se falou nos deveres da natureza para com a moral. Talvez tenha chegado agora o momento de inverter os termos da antítese e de indagar quais os deveres da moral para com a natureza?

*

Ora, a natureza, isso que Freud chama libido, tem as feições da necessidade. É imprescindível que ela se satisfaça. Ela é capaz de esperar dezenas de anos. Do ponto de vista da sexualidade, o período de latência começa mais ou menos nos cinco anos e termina na

adolescência. Mas a libido é tenaz, ela não esquece nunca. Quando a gente supõe ter-se desembaraçado dela e a ter desiludido, ela reaparece com uma violência inesperada. Donde as neuroses, as histerias, todos os aspectos que assume, e que são as formas sorradeiras de sua revolta, quando o indivíduo já não a pode nem aceitar, nem recusar. A lenda de Édipo é de um trágico insuperável. No caminho de Tébas, ele assassina seu pai e encontra sua mãe. Inutilmente é exposto, na montanha. O complexo vence. A primeira grande lei que nos revelou Freud é a de que não se mata o desejo. Esse ensinamento de uma importância incalculável, tanto para a moral como para a política, é uma verdadeira lição de caridade. Nos impulsos do homem há algo sagrado. E pode-se lembrar, para além de Freud, uma das mais profundas intuições de Spinoza: “o apetite é a própria revelação da vida”. Mas, não somente o desejo é necessidade como também fecundidade. Como veremos, é indiscutível que os tabus da sociedade, e, por exemplo, a proibição do incesto, foram condições essenciais da civilização. Fizeram do animal um homem. Infelizmente as formas sociais têm uma espécie de inércia que as leva a considerar a si próprias como fins eternos da humanidade. Voltam-se então contra o fim que lhes cabia atingir. Tornam-se verdadeiros obstáculos para a civilização. Nessa espécie de dialética a repressão dos instintos tende a humanizar o homem, mas, por seu turno, as revoltas do instinto são o que humaniza a sua repressão. Ou bem o princípio do prazer acaba por se disciplinar, e a sua submissão comprova o valor das leis sociais, ou bem se revolta e a sua rebelião significa a morte, por caducidade, das formas coletivas. Estas então é que devem desaparecer, para se inventarem por assim dizer novamente, mais generosas, mais plásticas e mais humanas. O desejo aparece, pois, como a fonte verdadeira dessa resistência socrática que Sócrates chamava seu demônio, ou melhor, como esse sal da terra de que fala o Evangelho, que não é assimilável em si, mas sem o qual todo alimento perde seu sabor. O desejo e suas interdições emprestam-se um apoio recíproco. Assim como no plano da psicologia a própria técnica da psicanálise revelou que, para curar-se, o desejo inconsciente devia tornar-se cada vez mais consciente, ao mesmo tempo em que a consciência devia ceder mais e mais diante da inteligência da vida: no plano da sociedade e da civilização a filosofia de Freud nos ensina que no instante mesmo em que o desejo se vai submeter às inibições da sociedade, esta deve abrir-se por seu turno ao desabrochar da natureza e do desejo. O desejo deve se tornar social e a sociedade desejável.

*

Era bem essa lição que as gerações do após-guerra pediam à psicologia. Mas a autoridade de Freud viu-se ainda acrescida pelas verificações que ele encontrou na História. Em outras palavras, se um momento qualquer da humanidade permite, quando estudado isoladamente, que se duvide da salvação dos homens e justifica, por consequência, o que há de desesperado nas análises freudianas, tudo se redime e a salvação é assegurada pelo próprio espetáculo da História. Freud não tirou, ele próprio, as conclusões históricas e sociológicas a que a psicanálise deveria logicamente conduzir. Mas ele é apenas um momento de um movimento mais geral, e falar das consequências de sua obra é ainda falar dele. A psicanálise por dois aspectos se aproxima da história. Primeiramente, pela sua terapêutica, que é antes de tudo um método histórico. Ela consiste em aniquilar os complexos atuais pela reconstituição de sua gênese. Vê-se então que, o mais das vezes, o enfermo está sujeito a sobrevivências puramente anacrônicas, e que, em determinada crise da adolescência, é a infância que se exprime. Nessas circunstâncias, tomar consciência do caráter inatual de suas paixões equivale a libertar-se delas. É a própria filosofia da história, a qual, para nós, não é outra coisa senão a arte de orientar o presente pela ciência do passado. Ora, o passado de um indivíduo, como o de um povo, tende a se prolongar bem além das circunstâncias que o justificaram. Nós somos todos extraordinariamente pouco contemporâneos de nós mesmos e deixamos coabitarem dentro de nós as idades mais diferentes, tanto nas nossas idéias como nos nossos atos. A

história do doente deve libertar-se de seu próprio peso, deve desaparecer na consciência de si própria, na medida em que a terapêutica de Freud tende a readaptar os instintos ao presente.

Freud, bem como o seu discípulo Otto Rank, procurou precisar no *Totem e tabu* e em todas as publicações psicanalíticas que giram em torno da etnografia as relações mais exatas da história e de seu método. Infelizmente, o problema foi encarado sob um único aspecto. Encontraram-se nas práticas primitivas, por exemplo nas cerimônias funerárias, os caracteres dos complexos infantis: ambivalência e canibalismo. Desse ponto de vista, a obra de Freud, que é de moda considerar atualmente como uma mitologia, prestou um serviço decisivo à etnografia. Mas o problema deve ser também encarado do ponto de vista contrário, e faz-se preciso pesquisar também o que, na alma das crianças, sobrevive às condições da vida primitiva. É o caminho que seguiu Malinowski. Mostrar, pela sociologia, de que modo os sentimentos primitivos podem enquadrar-se nas condições técnicas, econômicas e políticas da vida primitiva, pela psicanálise mostrar como os complexos sentimentais podem separar-se do seu apoio material para se prolongar além das condições que os justificaram. Resumindo, seria tão interessante pesquisar os complexos afetivos na sociedade quanto procurar as formas da sociedade nos complexos. Assim, a interpretação psicanalítica da história poderia alcançar a própria psicanálise e os dois setores se emprestariam um mútuo apoio.

Ver-se-ia então que muitos dos conflitos que a metafísica tende a interpretar como o drama *a priori*, do instinto e da moral, não passam de manifestações de uma espécie de defasagem histórica. Um indivíduo, como uma sociedade, não é feliz senão quando os seus desejos têm a mesma idade que as possibilidades da lei, quando o instinto é verdadeiramente contemporâneo da moral. Para esclarecer as crises, que a vida instintiva e a moral atravessam, a psicanálise empresta-nos o seu método. Ela tende a desembaraçar o doente de seu passado e entregá-lo ao futuro. Eis por que nos permitimos dizer, no princípio desse trabalho, que apesar das aparências a obra de Freud era uma obra de confiança na fecundidade do instinto e na plasticidade da inteligência. Ela não teria significação, ela se renegaria a si própria, se não admitisse, como princípio supremo de seu dinamismo, a convicção de que as forças do prazer e da alegria poderão um dia encontrar, na organização da sociedade, as possibilidades máximas de expansão e a mais ampla aprovação.

*

Creemos que Freud alimentou essa esperança em dado momento. Não somente ele acreditou, o que é natural, que a sua terapêutica fosse benfazeja em si e que a sociedade de certo modo engendrara o remédio para os seus males, mas ainda compreendeu perfeitamente as relações de sua técnica com as tendências liberais e democráticas da Europa no século XX.

Da guerra datam as suas primeiras dúvidas. Antes dela podia-se esperar que a libido se tornaria cada vez mais individualista e que o desenvolvimento das relações afetivas entre as pessoas tenderia a dissolver as imposições do Estado. A guerra provou que o homem é capaz dos piores retrocessos ao primitivismo. Os anos de após-guerra deram a Freud uma nova série de decepções. É que Freud subestimara a parte do inconsciente no universo. Ele acreditava que o mundo fosse muito homogêneo e muito semelhante a essa burguesia cultivada de que ele era a um tempo o médico e o representante, mas que não formava na Europa senão uma frágil ilha de cultura. Bastara-lhe, no entanto, aprofundar as “considerações sobre a guerra e a morte”, para compreender que nem os povos, esses grandes indivíduos, nem as classes sociais no interior desse povo, se encontravam na mesma idade de inteligência e capazes das mesmas sublimações.

Os anos de após-guerra, e principalmente a crise atual que começou por expulsá-lo de sua pátria, parecerão ao historiador um esforço gigantesco para extinguir um caos monstruoso de barbárie nacional e de preconceitos sociais. Mas o fato desses “inconscientes”, nacionalismo e comunidade de interesses, terem entrado em conflito, e impelido esse conflito

até a neurose e a obsessão, já é, para o clínico, o sinal de uma cura inevitável. Diremos que é da Psicanálise que devemos exigir os melhores métodos para resolver as dificuldades atuais. De onde vem então o tom desabusado que se observa nas últimas publicações de Freud e sobretudo num pequeno livro que merece ser longamente meditado: *Civilização doente?* Nele se encontra a velha mitologia que Kant expôs em *A Religião dentro dos limites da razão pura*, o velho combate maniqueísta entre as forças do bem e as forças do mal, entre as forças de Eros e as forças do sadismo e da autodestruição. A obra conclui com uma interrogação e o resultado do combate parece incerto. É de estranhar que a psicanálise tenha sido levada a petrificar, numa forma tão esquemática, um drama que a sua própria técnica no entanto deveria ter resolvido. Por quê? Freud, em verdade, não pôde sem dúvida suportar o aspecto demoníaco da aventura de após-guerra. Tendo vivido a maior parte de sua vida numa Europa onde os conflitos tinham sido mantidos no plano da ideologia, viu-se apavorado diante dessa dialética concreta das trevas e da luz, que ele contribuiu para pôr em marcha no espírito, mas cujo ritmo e amplitude, em se realizando, acabaram por ultrapassar as suas previsões e sem dúvida também os seus secretos desejos. Como Freud gostava de citar Goethe, nós nos permitimos imaginá-lo, por sua vez, na situação do “Aprendiz de feiticeiro”.

*

Mas basta lembrar a sua fisionomia de finura e de bondade para ter certeza de que ele não poderia desaproveitar os que vêm, precisamente, na sua psicologia os melhores motivos para recusar o acento de lassidão e de tristeza que caracterizou os seus últimos dias, os que encontram na sua obra e no seu método razões profundas para crer e esperar.